



# VÍRUS

**N2** *Revista política  
e de ideias*  
**NOVEMBRO 2012** II série

## *O Socialismo Por Que Lutamos* dossiê

Entrevista a Alexis Tsipras  
Notas acerca da teoria política em Žižek  
Astúrias e Leão: a rebelião mineira  
+ ler, ver e ouvir

## **Editorial**

PÁG. 05

FERNANDO ROSAS

## **Dossiê: O Socialismo Por que Lutamos**

PÁG. 06

**Socialismo e alternativa: seis hipóteses em busca de um ator**

por JOSÉ SOEIRO E MIGUEL CARDINA

**Tomar São Bento: Estado, reforma e revolução** por CARLOS CARUJO

**O partido do socialismo** por JOSÉ GUSMÃO

**Socialismo: o rumo das raízes e do horizonte**

por BRUNO GÓIS E FABIAN FIGUEIREDO

## **Entrevista a Alexis Tsipras**

PÁG. 33

por JOSÉ SOEIRO E MARISA MATIAS

## **Ler, Ver, Ouvir**

PÁG. 38

**Salazar e o século XX** por LUÍS TRINDADE

**A Revolução no Alentejo. Memória e Trauma da Reforma**

**Agrária em Avis** por CONSTANTINO PIÇARRA

**Mulheres de Armas** por ANA SOFIA FERREIRA

**A revolta de Beja** por JOÃO MADEIRA

**A memória é a morada do tempo** por SOFIA ROQUE

**Retorno a 1975** por MARCO MARQUES

**Os dias do arco-íris** por PEDRO FERREIRA

**As Mulheres da Fonte Nova** por CRISTINA PAIXÃO

**As flores da guerra** por JÚLIA GARRAIO

**To Rome with Love ou como jogar**

**com o clichê** por FABRICE SCHURMANS

**Avis Rara** por HELENA ROMÃO

## **Pensar o Socialismo Hoje**

PÁG. 61

**Notas acerca da teoria política em Žižek** por LUÍS FAZENDA

## **Vária**

PÁG. 69

**Astúrias e Leão: a rebelião mineira** por MIGUEL PÉREZ

**A prostituição como ponto de rutura** por ANDREA PENICHE

**Auditoria ao centro do neoliberalismo** por LUÍS BERNARDO

**PPP's: via verde para o enriquecimento ilícito** por HEITOR DE SOUSA

**A crise e o pensamento crítico no campo cultural** por RUI MATOSO

**Primavera Érable. História do movimento estudantil no Québec**

por RODRIGO RIVERA E MARINA JANUÁRIO SILVA

## **Acontece**

PÁG. 118

**Liberdade 2012** por ISABEL PIRES

**A construção do socialismo** por MOISÉS FERREIRA

**15 de Setembro: um milhão na rua. Unidos pela solidariedade**

por RICARDO MARTINS

**Vigília – 21 de setembro** por MARCO MARQUES





## ***Socialismo e alternativa: seis hipóteses em busca de um ator***

JOSÉ SOEIRO E MIGUEL CARDINA

### ***1. O socialismo está grávido de história mas não tem um destino***

A história do socialismo é uma história feita de cruzamentos e bifurcações. Anarquismo, comunismo e social-democracia constituíram-se ao longo dos séculos XIX e XX, muitas vezes com substanciais clivagens internas, como os três grandes veios da larga família socialista. Fortes discussões e algumas roturas pungentes fizeram com que a história do socialismo fosse também uma história de desencontros. No âmago das disputas encontramos temas como a natureza dos sistemas de dominação, a relação entre indivíduo e coletivo, a visão dos partidos e dos movimentos sociais, o papel do Estado, a extensão da crítica à propriedade ou a posição diante da Modernidade e do progresso. Alguns acontecimentos, trágicos ou heroicos, serviram também para estruturar os diferentes campos da esquerda: da

Comuna de Paris à Revolução Russa e à posterior emergência do estalinismo; da Guerra Civil Espanhola às lutas independentistas em África, Ásia e América Latina; das conquistas sociais do pós-2.<sup>a</sup> Guerra Mundial durante os “trinta anos gloriosos” aos novos radicalismos emergentes nas décadas de 1960 e 1970.

O socialismo tem este lastro concreto e plural, ao mesmo tempo que produziu diferentes olhares sobre o tempo histórico. Uma certa leitura da Modernidade pensou o progresso como uma rota contínua e inevitável em direção ao futuro. Um otimismo determinista que teve eco, quer na social-democracia *evolucionista*, tal como foi formulada por Eduard Bernstein, quer na ortodoxia marxista-leninista que se viria a impor a partir do centro soviético. Uma outra leitura do tempo é possível fazer na esteira de autores como Walter Benjamin. Tratar-se-ia assim de

pensar um tempo simultaneamente disruptivo e capaz de herdar a “tradição dos oprimidos”. Um tempo que é experienciado não como passagem mas como interrupção de um *continuum* que urgia fazer saltar.<sup>1</sup> Nesta medida, a história não é entendida como um movimento previsível de um passado para um futuro mas um terreno aberto à indeterminação. O socialismo não é um destino mas uma possibilidade cuja realização não se encontra inscrita nas estrelas.

conceito de um lugar outro, mais perfeito ou feliz, designa uma ideia remota que se encontra quer na tradição judaico-cristã do jardim do Éden, quer nas projeções de um Estado perfeito como o desenhado na República de Platão. Entre o século XVIII e XIX, autores como Saint-Simon, Charles Fourier ou Robert Owen e algumas experiências de organização social afirmaram o que ficaria conhecido como “socialismo utópico”. Esta perspetiva viria a ser frequentemente

## ***O socialismo não é um destino mas uma possibilidade cuja realização não se encontra inscrita nas estrelas***

### ***2. O socialismo vive de um pulsar utópico***

Poucos conceitos foram tão maltratados nas últimas décadas como o conceito de utopia. A imposição do neoliberalismo correspondeu à glorificação da tecnocracia e do mercado como “fim da história”. Expandida ao resto do globo, a civilização que daí resultaria foi vista como o último estágio da humanidade, o que se entendia ratificado pela ideia de que as alternativas – o socialismo real a Leste ou outras tentativas de construção de modelos que visassem a superação do capitalismo – resultariam sempre num “estado de terror”. Para a utopia antiutópica<sup>2</sup> do neoliberalismo, os erros, perversões ou fracassos das experiências que, no século XX, se reclamaram do rótulo socialista deviam ser explicados pelo próprio espírito do socialismo. Ou seja, em última análise o “crime” seria inerente ao pulsar utópico que se empenha no combate pela igualdade, pela possibilidade de realização humana integral e pelo fim da exploração do ser humano.

O termo “utopia” foi utilizado por Thomas More, na sua obra homónima de 1516, mas o

acusada pelo campo marxista-leninista de não ter em conta a força estruturante do desenvolvimento histórico. A utopia seria assim um espaço que não só não contribuiria para a eliminação da falsa consciência produzida pelo capitalismo como, em certa medida, a alimentava.

Uma outra leitura no campo socialista identifica a utopia com uma aspiração irrenunciável dos seres humanos e um necessário trabalho de imaginação do novo. O filósofo Ernst Bloch dedicou uma obra monumental, *O Princípio Esperança*, à análise das diferentes utopias historicamente formuladas e à fundamentação filosófica da esperança como princípio ontológico.<sup>3</sup> Bloch distingue aí entre «utopias abstratas» e «utopias concretas». As primeiras não visam a transformação do real e apontam sobretudo para a satisfação autossuficiente do indivíduo – o sonho de ganhar a lotaria, de habitar numa ilha deserta e remota, de ser resgatada por um príncipe encantado. As segundas consistem na imaginação de um futuro transformado e tornam-se veículo de articulação entre meios e fins, paixão e razão,

1 - BENJAMIN, Walter (2006). “Tesi di Filosofia della Storia”. In *Angelus Novus. Saggi e frammenti*. Turim: Einaudi, pp. 75-86.

2 - A expressão é de Boaventura de Sousa Santos. Cf. SANTOS, Boaventura de Sousa (2005). *O Fórum Social Mundial. Manual de Uso*. Porto: Edições Afrontamento, p. 14.

3 - BLOCH, Ernst [1994 (1.ª ed.: 1959)]. *Il Principio Speranza*. Milão: Garzanti. 3 volumes.



aspiração e possibilidade. Este pulsar é dirigido pelo conceito de ainda-não – tão central na ontologia blochiana quanto esquecido na história da filosofia que o precede – e define o modo como o futuro se inscreve no presente. O socialismo é pois um horizonte cuja possibilidade está latente no aqui e agora onde sempre nos encontramos.

### ***3. O socialismo é uma política concreta***

As fronteiras entre propostas e programas têm a marca do tempo. O programa das sociais-democracias do pós-guerra seria hoje uma ruptura profunda com o capitalismo realmente existente. O socialismo não é por isso a discussão obsessiva de um “programa revolucionário” em abstrato, como se os programas de cada momento não desenvolvessem uma afinidade dinâmica com o tempo do qual dimanam. Gramsci deixou-nos conceitos fundamentais para refletir sobre o socialismo a partir das sociedades concretas, das relações entre as classes, da configuração do Estado, da luta pela hegemonia. Contextos diversos reclamam estratégias diferentes: guerras de movimento nas brechas de desequilíbrios e transformações bruscas; guerras de posição na acumulação de forças, na disputa da hegemonia, no desafio ao consentimento. A política socialista não é por isso uma religião, a propaganda de uma ideia, o culto de um mito. É uma interven-

ção aqui e agora. É uma política concreta para hoje.

Rosa Luxemburgo contestou, no início do século XX, a ideia do socialismo como mero discurso para dias de festa. Era precisamente nessa crença consoladora segundo a qual a história se encarregará do socialismo “a longo prazo” que a social-democracia alemã fazia repousar uma ação cada vez menos transformadora. Nos debates de hoje, essa espera de um momento redentor surge também por outras vias: a apologia do acontecimento que irromperá do nada. Transformar a possibilidade da revolução numa filosofia abstrata – como parece fazer Badiou – acaba por subtraí-la à história e à razão estratégica, associando-a a uma estética do evento mais da ordem do “teológico” do que da ordem do laborativista e político que intervém no quotidiano.

Desembaraçada de vontades divinas, de esperas metafísicas, de garantias científicas ou de determinações históricas, a transformação vive das escolhas e das bifurcações da política. O socialismo é assim uma política concreta, mas tem horizonte estratégico. Não se trata pois de uma mera “resolução de problemas” que não tome como referência a possibilidade de transcender a ordem capitalista. Mergulhado na incerteza da batalha, na inconstância da relação de forças, o socialismo dispensa a crença tranquilizadora num sentido da história que funcionaria necessa-

riamente a seu favor, mas exige que permaneça essa hipótese estratégica do radicalmente novo em relação ao que existe.

Há pouco mais de uma década, emergiu um novo internacionalismo que teve no movimento alterglobal a sua expressão mais forte. Esse movimento de “um não e vários sins” foi capaz de juntar em espaços comuns a velha esquerda do movimento operário tradicional, os movimentos socialistas e nacionalistas da periferia, os herdeiros da esquerda radical de 1960/70, os novos movimentos sociais, as chamadas “organizações humanitárias” e uma parte importante da galáxia das ONG. Essa dinâmica fez nascer também novos sujeitos políticos. Gente vinda do mundo dos partidos comunistas, setores que romperam com a social-democracia, organizações da esquerda radical e ativistas de movimentos sociais fizeram caminho e construíram novas organizações políticas à esquerda, que têm articulado um projeto de radicalidade com a percepção do instante propício e a decisão sobre a conjuntura, reabilitando-se deste modo a política como «arte estratégica»<sup>4</sup>.

#### ***4. O socialismo não abdica da disputa pelo Estado mas não se resume a essa tarefa***

Excluídos do Estado-nação e da política institucional, muito antes de qualquer compromisso entre “capitalismo” e “democracia” sob a forma de Estado-Providência, os interesses dos “de baixo” começaram por organizar-se como contrassociedade. Foi assim no início do movimento operário, que assentou raízes no mutualismo e nos seus mecanismos de solidariedade auto-organizada, nas mundivisões proletárias e na sua experiência da exploração, em redes de lazer e de produção cultural, em comunidades militantes que dariam origem a sindicatos e partidos operários. O socialismo é essa tradição, esse espaço de emancipação e de organização popular.

O debate sobre o Estado, sobre a natureza do

poder e a estratégia face a ele vem de longe. A oposição ao poder centralizado, à burocracia em geral e ao Estado em particular ficaram como marcas das várias matizes do anarquismo. Pelo contrário, o campo do marxismo revolucionário teria nas experiências vitoriosas da Revolução Russa e da estratégia de Lenine um dos mais importantes pontos de referência. Já a social-democracia, apostada em conseguir arrancar aos dominantes melhorias na condição do trabalho, foi transformando uma tática reformista na sua estratégia e instalou-se definitivamente no Estado dos países capitalistas. Polêmicas de hoje reeditam por isso, em muitos aspetos, a questão de saber se o Estado é apenas uma expressão dos interesses dominantes ou se é uma relação social intrinsecamente contraditória, que exprime as diferentes relações de força em cada momento. Do ponto de vista da ação política, trata-se de saber se se privilegia a ação direta, a ação institucional ou uma articulação das duas.

O socialismo não se resume ao Estado, mas também não abdica dele. A crítica à redução da luta política da esquerda à conquista do poder de Estado - na sua versão gradualista ou na sua versão revolucionária - produziu contributos importantes. Althusser aponta a importância dos aparelhos ideológicos do Estado (a escola, as Igrejas, os meios de comunicação social, etc.) na manutenção do status quo. Foucault mostra como o poder está disperso na sociedade e se exerce através do cruzamento de práticas, saberes e instituições. Assim, se o poder é relacional e se encontra disseminado, então a sua contestação pode desenvolver-se em campo múltiplos e não se subsume nessa “luta final” na qual a classe operária toma o Estado e suprime o conflito<sup>5</sup>.

Dispensados os faróis do socialismo, feita a crítica do monstro burocrático e do seu autoritarismo, esta conceção larga dos poderes que há que tomar repolitiza o quotidiano e traz novas esferas da vida para o centro do conflito social. Confinado ao Estado, o socialismo perde a vita-

4 - BENSÂÏD, Daniel (2011). *La Politique comme Art Stratégique*. Paris: Syllepse.

lidade da emancipação e pode sucumbir à razão burocrática. Ao chamar a atenção para a necessidade de transformar as instituições e de criar formas de resistência aos mecanismos subtis de poder no dia a dia, o projeto igualitário ganha alcance e profundidade. Empenhar o combate em todos os espaços e contestar a dominação nas múltiplas formas que ela assume não implica contudo o salto em direção à desconsideração da importância do poder do Estado. Quem tentou contorná-lo acabou ora cooptado, ora esmagado por ele. O socialismo não tem pois de limitar-se a uma resistência nos poucos espaços de liberdade que o capitalismo deixa em aberto. Não precisa de conformar-se com uma estratégia de *exílio* ou de *fuga* face ao aparelho de Estado que recusa, de facto, o seu afrontamento. Alimentando-se também da desobediência e dos espaços autónomos, o socialismo é uma luta que quer ser maioritária e ganhadora e por isso exige uma estratégia para virar o mundo de pernas para o ar.

## 5. O socialismo constrói-se com muitos atores

A erosão da centralidade da classe operária – centralidade essa que era não apenas demográfica mas também produto de uma hegemonia política paulatinamente construída – esboroou-se a partir de finais da década de 1950, dando origem a novos sujeitos históricos – ou seja, atores suscetíveis de serem os vetores da transformação social – para além da classe operária industrial. Os novos sujeitos sociais e políticos que ganharam importância a partir das décadas de 1960/70 (jovens, estudantes, mulheres, negros,

gays e lésbicas, presos, migrantes, ou qualquer outro tipo de combinação entre estas e outras categorias) situam-se nos antípodas de identidades como “povo” ou “classe operária”, cuja ambição era precisamente que pudessem coincidir, pelo menos em termos estratégicos, com toda a sociedade.

Boa parte do trabalho de inovação teórica atual inscreve-se por isso numa linha que busca problematizar política e epistemologicamente estes novos atores sociais. É o caso dos trabalhos de Judith Butler, questionando as identidades sexuais, dos estudos sobre o subalterno de Dipesh Chakrabarty, Ranajit Guha ou Gayatri Spivak ou do interesse de Badiou pelos migrantes indocumentados, que condensam em si as tendências atuais do capitalismo:

mobilidade, diminuição dos salários, degradação das condições de trabalho.

A visão ortodoxa de acordo com a qual a centralidade da contradição de classes era interpretada como a subordinação hierárquica de todas as lutas à luta em torno da questão do trabalho e da propriedade encontra-se desadequada. O direito à diferença e ao reconhecimento das identidades é um elemento fundador da luta pela igualdade. Recusar a ideia de que algumas lutas ficam em lista de espera até que venha a tomada do Palácio de Inverno é uma condição do socialismo enquanto emancipação: todos os direitos são prioritários, todas as lutas são políticas se confrontam qualquer sistema de opressão. Mas isso não quer dizer que a única opção estratégica seja uma soma de micro-reivindicações. O socialismo é o nome de uma alternativa global, que tem como objetivo a articulação e a tradução entre as diversas lutas para que haja uma gramática política comum. A questão dos sujeitos trans-





RAFAEL TOVAR / FLICKR

formadores não é por isso de ordem sociológica, mas sim uma escolha estratégica, um processo de procura não de essências, mas de identificações partilhadas. Um processo de criação de consciência coletiva que, ultrapassando diferenças, encontra processos de universalização nos combates comuns.

## 6. O socialismo é democracia

A luta pelo socialismo parece então convidar à superação da fragmentação do social ao mesmo tempo que implica o reconhecimento da pluralidade dos sujeitos históricos. Os sujeitos sociais, como as classes, mesmo quando parecem socialmente uniformes (e nunca o serão completamente), são suscetíveis de uma pluralidade de representações no campo político, e isso reclama necessariamente o pluralismo. A política socialista não cabe portanto em qualquer “partido único”. Na esteira de Gramsci, ela é o campo de uma articulação de grupos, é o trabalho de hegemonia como princípio de uma convergência de forças na luta de classes.

Num tempo em que nas ruas se exige “democracia real” contra o sequestro da política pelos poderes financeiros, pelas agências internacionais e por diretórios não eleitos, a luta socialista identifica-se com essa reivindicação. A democracia, enfeudada pelos liberais no espaço do Estado e da representação, é também e sobretudo a

expressão desse inquietante princípio igualitário que transgride todas as hierarquias sociais. O socialismo é por isso democracia: nele a política faz intervir a lógica da igualdade na ordem hierárquica do social. Contra a especialização e a monopolização da política pelos profissionais, pondo em causa a divisão social do trabalho que dá a uns o direito de falar e de pensar e condena outros à condição de observadores passivos do espetáculo democrático, a política socialista pode ser identificada, na linha de Rancière, com a afirmação da igualdade como pressuposto e não apenas como objetivo<sup>6</sup>. É a ambição da participação de todos na definição do bem comum, contra os interesses privados, a exploração de classe e todas as formas de dominação.

A democracia socialista não prescinde das mediações entre o social e o político nem abdica da representação e da delegação. Só fazendo-o pode ampliar ao máximo os mecanismos de controlo do poder e de controlo da representação pelo povo – e isso é verdade para um país como para uma cidade, uma greve ou uma associação. Uma alta intensidade de participação reclama a existência de instituições, do mesmo modo que valoriza as práticas insurgentes e disruptivas. Ao contrário das deformações e do terror autoritário de experiências que se reclamaram desse nome, o socialismo por vir deverá ser um movimento baseado em duas recusas. Por um lado, a recusa das per-



versões que dissociaram o preceito igualitário da liberdade de opinião, do direito à dissidência e da existência organizada e autónoma face ao Estado de partidos, sindicatos ou outros movimentos sociais. Por outro, a recusa do corte efetuado pelo liberalismo entre o político e o económico, e que em última análise pretende afastar este segundo domínio da crítica política, do escrutínio democrático e do usufruto comum. O socialismo alimenta-se da democracia e busca a sua expansão a todas as esferas da vida.

Se hoje em dia, em plena ditadura da dívida, assistimos na Europa à tentativa dos governos de se desembaraçarem mesmo de alguns dos aspetos formais da democracia, é porque, sob o capitalismo, a democracia nunca deixou de assentar num constante medo das massas e numa mais ou menos inconfessada paixão pela ordem. O socialismo é a defesa do património democrático, mas é sobretudo a ambição da sua extensão a todos os espaços sociais e essa irreprimível vontade igualitária de, em nome da liberdade e da participação, transgredir sempre as formas instituídas.

*Mas o que é então o socialismo?*

Convém notar que todo o esforço de definição traça uma fronteira entre um interior e um

exterior; gesto esse que muitas vezes não é mais do que um processo de legitimação do próprio campo. Herbert Morrison, um destacado membro do Partido Trabalhista britânico na primeira metade do século XX, terá dito um dia que socialismo «é aquilo que o governo trabalhista faz». Distante politicamente, mas aplicando uma fórmula retórica algo semelhante, Lenine definiu o socialismo como sendo «os soviets mais a eletrificação». Neste texto procurou-se uma definição englobante, que não encerre em paredes conceptuais estritas aquilo que cada tempo histórico se encarrega de modelar.

O socialismo é uma prática concreta - que se envolve na disputa pelo Estado, na luta pela hegemonia política e no combate contra todas as opressões e discriminações - e é também uma aspiração de fundo, baseada na convicção de que é possível e necessário a ativação de modos de organização social fundados na igualdade, na solidariedade e na cooperação. Porque, como um dia disse alguém, ninguém pode ser feliz sozinho.

***O socialismo alimenta-se da democracia e busca a sua expansão a todas as esferas da vida.***